

ANTONIO SERGIO

\$

UM
PROBLEMA ANTERIANO



PORTUGÁLIA

LISBOA

UM
PROBLEMA ANTERIANO

1165/A

ANTONIO SERGIO

UM PROBLEMA ANTERIANO

(Sôbre a ideia e a realidade
do desprendimento activo na peregrinação
moral do autor dos *Sonetos*)



EDIÇÃO DO AUTOR

DEPOSITÁRIA:
PORTUGÁLIA
LISBOA

CDU 869.0-4 S 7

AO
AGOSTINHO DA SILVA
DEDICA O AUTOR

Destina-se êste pequeno ensaio ao grande público, e não a pessoas familiarizadas com a leitura de escritos de filosofia. Não foi, originariamente, dialogal; mas um amigo meu a quem o dei a ler na forma em que primeiramente o redigi achou que não seria facilmente acessível para êsse mesmo público que eu tinha em mente, a não ser que decidisse acrescentar ao texto algumas explicações suplementares: e dei-lhe então esta disposição em diálogo, como a que mais facilmente poderia admitir quaisquer esclarecimentos adicionais.

DIÁLOGO NA PRAIA

Interlocutores: *Valério, Cláudio, Reinaldo, Isolda.*

Valério. Ah! ;Só agora, Isolda?... Já aqui te esperavam com impaciência, sabes?... Sim, bem o vejo: para banhistas que se prezam não é tarde ainda. Muito ao contrário. Por enquanto, só se vêem pela praia as criancinhas gárrulas e as criaditas maviosas que as acompanham. Mas que queres? Por isso nos parece que deverias vir mais cedo. Dentro de uma hora, são os papás que aí chegam, e lá se vai a palestra pelo nosso gosto... Mas em suma, instala-te. Senta-te na areia ao pé de nós três, até vir o calor e vos apetecer o banho, ao Reinaldo e a ti.

Isolda. Belo! Já que não sou mal cabida... Pronto. Eis-me sentada, mestre Valério. ;Que mais manda de mim?

Valério. Eu? Olha: se não fôsse a petizada que por aí fervilha, a fazer mais balbúrdia que o marulhar das ondas, pedir-te-ia que nos

cantasses qualquer coisa límpida, digna desta luz que nos embriaga a todos... ¡Ah, «dias claros e jolizes», como dizia o Dom João de Castro!... ¡Mas que é isso? Trazes hoje livro novo, ao que se me está figurando. ¡Interessante, garota?

Reinaldo. Ora mostra. *Cartas de Antero de Quental*. Cáspitè! ¡E que são estas marcas, nesta página e nesta?

Isolda. Deixa! ¡De que te sorris tu, embusteiro? Isso é um segredo que o não hão de saber os sofistas.

Valério. Dize, dize, cantarina.

Isolda. Então, sempre digo: é para consultar mestre Valério acêrca delas.

Valério. Magnífico! A isso iremos, e com todo o gosto. O sofista (como tu lhe chamaste) está ali como mulher de pescador da Póvoa que prevê redes atulhadas de pescaria grossa. Dize. E tu, Cláudio, mete a colherada também.

Isolda. Esperem... Dois trechos curtos. O primeiro é êste, em carta a Jaime de Magalhães Lima, de não sei quantos de Fevereiro

UM PROBLEMA ANTERIANO

de 89: «O desprendimento, pois, do budista, só será interno, mas a sua vida será activa; sòmente a mola da actividade é que terá mudado: de pessoal em impessoal, de egoísta em desinteressada»... E um ano mais tarde... aqui está, a Carlos de Lemos: «O nirvana não é passivo, não é inerte e puramente contemplativo; é, pelo contrário, essencialmente activo: sòmente essa actividade já não é apaixonada, porque deixou de ser egoísta. É, por assim dizer, impessoal. Se os meus sonetos valem alguma coisa, valem sobretudo por dizerem isto, ou, pelo menos, por deixarem entrever isto».

Reinaldo. É tudo?

Isolda. É; é tudo. Ora... não sei, mas sinto-me sem vela — e também sem leme — no meio das brumas desta salseirada búdica. Valha-me nela mestre Valério, que é salvador de náufragos!

Valério. Ah! Pelos Dioscuros, cantarina! Obrigas-me a invocar o favor das Musas!

Reinaldo. Proporia, eu, que gorgeasses primeiro as tuas dúvidas.

Isolda. Gorgeasses?... Já cá faltava o se-

nhor Reinaldo, com suas gracinhas e cavilações. Não importa. Pois seja. Antes de tudo, pergunto sôbre a possibilidade do «desprendimento activo», ou do «nirvana activo», ou do «budismo activo»; depois, se o houve em Antero; e por fim, se o podemos ver nos Sonetos. Vá, diga, Valério.

Valério. Sim... Percebo o que queres... Mas temos de ir por partes. Importa, quanto a mim, distinguir entre aquilo para que o Antero tendia pela íntima natureza do seu ser mental, — entre isso, digo, e aquilo que realizou e que enunciou de facto. Como sabes, várias circunstâncias contrariaram nêle... ¿como direi? a faina de conquistar uma attitude moral e um sistema coerente de idéias filosóficas que conviessem à índole do seu mesmo intellecto, isto é, à sua mente de pendor idealista e clássico. Não insistirei, entre tais circunstâncias, no temperamento dêle e do seu grande amigo, o Oliveira Martins. O nosso poeta era de tal forma irritável que êle a si mesmo se qualificou algures de carácter colérico e quási furioso...

Cláudio. Em carta ao Martins, se me não falha a memória.

Valério. Nunca ela te falha, já o sabemos

UM PROBLEMA ANTERIANO

todos. A tua leitura é infinita, e a tua memória, um assombro... Quanto ao Martins, como vós sabeis, era um misantropo negativista e inchado: ¿e não seriam estas as qualidades opostas (as precisamente opostas) às que convinham no amigo de que precisava o outro, — ou, se assim preferirdes, na espécie de enfermeiro de que carecia o outro?... Mas não é nisto, como vos ia dizendo, que desejo insistir; e dos casos a que me referi só acentuarei os seguintes: em primeiro lugar, a opressiva doença que o dominou tôda a vida, desviando-o do centro para que devia tender e opondo ao apolíneo o Antero nocturno; e em segundo, as correntes doutrinárias que influíram nêle...

Isolda. ¿Quais correntes, diga?

Valério. Ora, quais correntes! Mas tu sabe-lo, garota. Refiro-me, evidentemente, à filosofia romântica dos autores alemães — do Schelling, do Hegel, do Schopenhauer, do Hartmann, — que vegetou sôbre o que havia de não criticista na obra do fundador da filosofia crítica; e, juxtapondo-se a ela, o naturalismo positivista dos meados do século...

Reinaldo. Mas contra tal naturalismo reagia êle, mestre Valério!

Valério. Pois não há dúvida que sim. Dizes tu muito bem. Mas não deixava o naturalismo de o impressionar e abalar, e de o forçar a êsse trabalho de reacção difícil, — e nem sempre vitorioso, como talvez notasses. Por um lado, a doença, prendendo-o à consideração do seu próprio corpo, impedia-o de atingir de maneira estável os factores confluentes e correlativos de tôda alta e equilibrada atitude moral, isto é: o desapêgo em relação à consciência sensível e a tôdas as limitações que lhe estão inerentes, e o apêgo à consciência intellectual e objectiva, e portanto ao princípio imanente do Bem, ao de integração do Universo, buscado por um trabalho de concentração reflexiva, por um movimento centrípeto da consciência humana para a fonte criadora da sua própria acção, — quer dizer, para a unidade do princípio que liga o homem ao todo e as inteligências dos indivíduos entre si; e por outro, o naturalismo positivista e a filosofia romântica afastavam-no do caminho dêsse pensamento centrípeto, de meditação reflexiva: pois aquêlê propendia a buscar normas éticas abaixo do nível da consciência humana (como tu bem o sabes) ao passo que a segunda (e reporto-me em especial à sua forma hegeliana, a que mais pesou no poeta) insistia em apresentar-se como filosofia do espírito mas situava-se de facto para lá da cons-

UM PROBLEMA ANTERIANO

ciência — superiormente a ela — ambicionando apreender a orientação moral, não na interioridade do pensar reflexivo, mas naquella «Razão» objectivada e externa, situada para além da actividade do juízo, que era aos olhos do hegeliano a sociedade. Ora, creio que sem um trabalho de contemplação de nós próprios...

Isolda. ¿De contemplação de nós próprios?

Valério. Isto é: sem uma obra centrípeta de reflexão auto-crítica, que sirva de origem e de instrumento adequado a uma actuação do espírito sobre o próprio espírito, — será sempre precário o desapêgo ao sensível. Claro, para os que vêem no progresso um movimento dialéctico impulsionado pela negação da negação (quer no tom espiritualista, como no caso de um Hegel; quer no tom materialista — ou pseudo-materialista — como no exemplo de um Marx) a moralidade não brota, em derradeira instância, dos juízos intrínsecos da consciência humana — ¿pois não é isto? — mas do automático funcionamento de uma realidade externa: e não seria a tal rumo, ao que a mim se me antolha, que o poeta chegaria ao seu próprio pôrto, a uma filosofia condicente com o modo de ser do seu génio. Parece-me... eu sei... que só uma doutrina de imanentismo es-

treme, alicerçada na consciência *intelectual* da pessoa (no plano da objectividade das relações entendíveis, bem libertas das particularidades da posição do indivíduo), doutrina reflexiva e estritamente humanista, de razão prática, sem pendor a radicar-se abaixo do nível da consciência e sem a mínima pretensão a ir a cima dêle, — que só uma doutrina de imanentismo estreme conviria de todo ao seu clássico espírito, ainda que não satisfizesse (como creio provável) a sensibilidade romântica do Antero enfêrmo. Ou muito me engano, ou cumpria-lhe rejeitar com igual decisão a «filosofia da Natureza dos naturalistas» e a síntese trans-consciente do seu mestre Hegel — para se firmar na consciência, e tão só na consciência: e se foi neste sentido que o pensador foi vogando naquela última fase do seu pensar metafísico que é a das *Tendências gerais da filosofia* e dos sonetos *Voz Interior* e *Solemnia Verba*, — a atitude prática do homem enfêrmo, essa, não pôde corresponder à doutrinação do filósofo, adequando-se a ela. Nem tão pouco a do poeta, a final de contas. Contrariavam-no a doença, as circunstâncias da vida; contrariavam-no o que persistia do seu inicial romantismo, impelindo-o sem cessar para um além-da-consciência...

Isolda. Ai de mim! Peço a palavra!

UM PROBLEMA ANTERIANO

Valério. Fale a cantora.

Isolda. Hesitei em interrompê-lo até agora... Mas é que houve aí certas coisas... sim, que não entendi muito bem. Por exemplo: «consciência intelectual», «consciência sensível»... ;Querera explicar?

Valério. Tentemo-lo. Ora volta-te para trás, para onde o Sol está brilhando. Levanta os olhos para êle, um instantinho sòmente. Isso. E agora, dize-me...

Isolda. O quê?

Valério. Sentiste a amarelidão da mancha de oiro do Sol, ;pois não é que a sentiste?

Isolda. Senti, sim senhor.

Valério. E aí tens um exemplo de consciência sensível. Fenomenal. Subjectiva. ;E se pensares que ao amarelo corresponde o Sol,— o globo do Sol; e que o globo do Sol é maior que o da Terra; e que em volta do Sol vamos girando nós todos?... Sentes tu tudo isso, ou nada disso tu sentes?

Isolda. Não, nada disso é sensível. E de aí?

Valério. E de aí... Repara: não o *sentes*, Isolda; mas *pensas*... Vês tu? À consciência que pensa o que não é sensível é que daremos o nome de consciência intelectual, — ou *intellectual*, como há pouco. Ora, não basta dizermos o que nós aí já dissemos, a saber: que é coisa para ti inteiramente impossível o sentires a existência do globo terráqueo e a do movimento que o leva em redor do Sol; torna-se indispensável o reconheceres igualmente que tudo isso contraria o que tu crês sentir...

Isolda. ;O que eu creio sentir, Valério? Como, o que eu creio sentir?

Valério. Sim. Ao voltares-te para o Sol, — tu sentes a côr; é a única coisa que realmente sentes: a qualidade sensível. Neste caso, o amarelo. Mas ninguém se limita à sensação de uma côr, ;pois não é verdade, pequena? *Interpreta-se* o sentimento da mesma côr, inventando-se um *objecto* que lhe corresponda. Se ninguém no Mundo te houvesse dado instrução, a primeira hipótese que te assomaria ao espírito acêrca da natureza dessa luz solar talvez fôsse a de um simples meteoro fátuo, — uma espécie de chama que de manhã se acende e que à tarde se apaga como um archote. Ou como o arco-iris, por exemplo, ;não?

UM PROBLEMA ANTERIANO

Isolda. É possível. «Apago o meu charuto quando apagas teu facho, ó sol», — escreveu o Antero num dos seus sonetos.

Valério. Imagem em que consistiu, porventura, a primeira concepção acêrca do ocaso. Um facho, e o apagar de um facho. ;E quem foi que inventou, entre os avós mais remotos, que o amarelo denota a existência de um *corpo* — de um objecto lumíneo — e que o amarelo que um dia nos aparece no Oriente é o mesmíssimo corpo que nos iluminou na véspera?... Podemos fantasiar que a hipótese número dois (ou invenção número dois) foi a de que a côr amarela é a coloração de um *corpo*, a de que há coisas amarelas, e não um meteoro fátuo (vê que todos os objectos são criações do intellecto, ou unidades geradas de sensações diferentes); a número três, a de que o Sol que hoje nasce é o mesmo Sol que o da véspera; a número quatro, porventura, a de que o corpo do Sol tem o feitio de um disco; a número cinco, a de que a forma mais provável será talvez a de um globo, etc., etc. E assim por diante, — até chegarmos aos juízos em que crêem hoje os astrónomos. Ora, êsse incógnito e selvático antepassado nosso que primeiro ajuizou que o amarelo é de um objecto, isto é, que há uma certa coisa delimitada, de que é côr o amarelo, — ou que o ama-

Também o Buda acreditava que nós
sentimos, achamos, quando, na verdade,

ANTONIO SERGIO

no ajuizamos achos

relo é predicado de uma certa substância que é o Sol, — ajuizou ao mesmo tempo que *sentia* o objecto, por experiência imediata, como os homens que ainda crêem que é o Sol que se move te afiançariam que *êles sentem* que quem se move é o Sol, por experiência pura e imediata, e que tudo o mais é sofisma, contrário à imediata intuição do que *êles* crêem. Quero eu dizer: há pendor a acreditarmos que é sentir imediato, apreensão directíssima, revelação dos sentidos, o que é afinal inferência e elaboração do intelecto. Por isso te sugeri que a da mobilidade da Terra é uma idéia contrária ao que tu crês sentir. Com efeito, nós cremos *sentir* que é o Sol que caminha, como cremos sentir que é o outro combóio o que anda, quando de facto o em que vamos é que está a sair da estação; como cremos sentir — por experiência pura e imediata — que a amarelição que nos dá luz demonstra a existência de um corpo, e que aquêlê Sol que se hoje vê é o mesmo Sol que se viu ontem. Mas nada disso é sentido por apreensão pura, imediata. Só se sente o amarelo, a qualidade sensível; o corpo é um juízo, uma fantasia, uma hipótese, produto espontâneo da criatividade do espírito. Olha aí para êsse mar. O que tu vês, hoje e sempre, quando te achas na presença da vastidão marinha, é uma espécie de muro vertical azul, que sobe até a altura em que tu tens os

UM PROBLEMA ANTERIANO

teus olhos; interpretas porém essa parede glauca como sendo uma toalha horizontal e fluida, e crês ter um imediato sentimento vivo da horizontalidade líquida das águas... Repito: tudo aí é juízo, fantasia, hipótese, produto da inventividade relacionadora do espírito. O intellecto é um acto de criação infinito, e a percepção é inventada, como qualquer teoria científica. A falar com rigor, quando passo da idéia do movimento do Sol para a idéia coperniciana do movimento da Terra — não passo de uma visão para uma hipótese de astrónomo, mas de uma hipótese de astrónomo para outra hipótese de astrónomo. ¿Que se dá, de facto? Uma série de espectáculos, desde a manhã ao ocaso; e para pôr uma ordem neste caos cenográfico — para conseguir algum modo de concepção entendível da passagem de umas cenas para as outras cenas do dia — inventou-se a hipótese do movimento do Sol, e mais tarde a hipótese do movimento da Terra. ¿Não, cantarina?

Isolda. Sim; é isso. Julgo ter entendido.

Valério. Ora, se o Sol se te afigura, pelo teu acto de juízo, como um objecto independente da tua sensação de um amarelo, é porque a consciência intellectiva o inventou como tal, isto é, como subsistente e objectivo; ou

ainda: como objecto independente da tua sensação de amarelo, da tua consciência sensível. E assim fazendo, libertou-o da subjectividade que é inerente ao sensível, como um Lachelier te diria.

Isolda. Compreendido, Valério. Mas o que queria — sabe? — é que precisasse isso mesmo que nos disse há pouco, a saber: que todos os objectos são criações do intellecto, ou unidades geradas de sensações diferentes.

Valério. É que... Ouve: creio que a leitura de mestre Platão poderia despertar-te para tal idéia. Ora vejamos. Pensa... pensa, por exemplo, em que tomarás logo o teu banho. Eis que vês o mar; eis que corres para êle. Nesse momento, à percepção visual da extensão azul várias outras percepções hão de vir unir-se, de diversas classes: o cheiro a maresia, digamos, o contacto da água, o marulho das ondas que na praia quebram... e outras coisas assim. Porém, o olfacto não taceia, nem ouve, nem vê; os olhos não ouvem, nem taceiam, nem cheiram; o tacto não ouve... e assim por diante. O objecto (êsse algo que a um tempo é taceado e visto, cheirado e ouvido) não existe de facto para nenhum dos *sentidos*. Existe para o *intellecto*, que concebeu o objecto, — que inventou o objecto, que

UM PROBLEMA ANTERIANO

o construiu e criou. Das variadas sensações da tua consciência sensível, pois, a consciência intellectiva fez a unidade «Mar». Ora, ¿que sentido me diz que a tua imagem que eu vejo (querer dizer: a aparência de Isolda) é algo que corresponde a certo ser objectivo, — o qual é o mesmo que eu ouço? ¿Que é o que fala? que é o que canta? Nenhum; nenhum sentido mo diz. Pela simples coincidência de duas percepções simultâneas não é forçoso acreditar que há um só objecto para as duas. Quando me ouves falar e ao mesmo tempo me vês, convences-te de que existe uma só fonte exterior das sensações visuais e das sensações auditivas, como se realmente sentisses (de uma maneira imediata, por experiência pura, directa) que quem aparece é quem fala. Porém, ¿se fores ao cinema, a ver um filme falado? ¿Terás tu a ilusão de um sentimento imediato de que as imagens do filme é que estão ali em conversa, — de que existe, pois, um objecto, que está ali à vista e é falante?

Isolda. Sim... Estou percebendo, mestre Valério. Ainda que sou tosca, bem vejo a mosca... (Ouvi isto à Ana Brígida, quando se lotava a sardinha). Cremos ter, com efeito, êsse sentimento illusório de que as imagens falam. Sei, porém, que é um sentimento illusório, e que não há ali um objecto que se oferece

à vista e é sonoro. Na sala do Cinema em que se projecta a fita, — a fonte das palavras é determinada coisa, e a fonte das imagens é uma outra coisa. Se os operadores o quizerem, podem dar-me as imagens sem me dar as palavras, ou as falas das personagens sem as respectivas imagens... E no entanto, dominam-nos a impressão de que são as imagens que falam, de que a fonte é só uma. Impressão que se apresenta como um sentir *imediat*o, como um *dado* irrecusável, como uma experiência *pura*. Compreendo, sim, a que vem aí o Cinema. Acha-se nêlé figurada essa noção que nos disse: a tese de que o objecto da percepção que temos é obra da consciência intelectual e objectiva, fabricada a propósito das impressões sensíveis, que são um caos subjectivo...

Reinaldo. Percepcionar é, por consequência, a faina em que a consciência intelectual e objectiva constroi um objecto como origem única de múltiplas qualidades na consciência sensível. É fazer teorias, — como as faz um Newton, um Lamarck, um Hegel... Por outras palavras: não existe uma Natureza representável por nós que preexista à actuação da nossa própria mente. É noção quimérica a de uma experiência *pura*, não formada de idéias, de construções, de hipóteses; a de uma Natureza absoluta, sem relação com o pensar.

UM PROBLEMA ANTERIANO

A maior asneira que jamais se enunciou foi talvez aquela de definir as idéias como reflexos das coisas nas cabeças dos homens, — por isso que as próprias representações das coisas são construções do intellecto por acção de idéias. Conforme as idéias que possui um homem, assim é o que elle ouve, assim o que elle vê. O intellecto é imanente à percepção das coisas, como a razão à consciência. ; Não, Valério?

Valério. Precisamente o que eu penso.

Isolda. Parabens ao senhor Dom Reinaldo!

Valério. Por outras palavras: o que julgas sentir como sendo «coisa» é a representação de uma relação entre sensações diversas. ; Que é teres o conhecimento do que se chama um objecto? É conheceres as leis segundo as quais se correlatam as diferentes sensações e os movimentos que fazes. Sabes que certas aparências que a visão te oferece correspondem a percepções musculares e tácteis para atingir e manusear o respectivo objecto. A distância, por exemplo, a que supões estar um corpo — aquêlê barco, digamos, — é a inferência tirada de determinada lei, a qual liga as aparências dos seres que avistas com os movimentos que tens feito para os atingir. E se portanto às leis deres o nome de Idéias

7, e criar desde o início, desde o raiz, desde a base.

ANTONIO SERGIO

(como lhes dava o Platão) dirás que não há objecto anteriormente a uma Idéia, e que todos os objectos são tecidos de Idéias. Conhecer um objecto é afinal constitui-lo, por meio de um tecido de relações entendíveis, — ou seja: por meio de Idéias. Conhecer, por outra, é essencialmente inventar; não é ligar coisas anteriormente *dadas*; e o que chamamos descobrimentos são realmente invenções. No relacionar — e pelo relacionar — é que se formam os objectos das percepções de um homem; e desde a percepção às invenções do génio a vida do intellecto é geração contínua, revelação da infinita produtividade do Eu, — fonte inexaurível de criação científica, de progressão moral.

Reinaldo. Mas... perdoe-me, Valério. ;Concede-me licença para uma observação muito rápida? ;Um instante, apenas?

Valério. Venha ela, Reinaldo.

Reinaldo. É que... quer saber? receio que se fique com a impressão inquietante de que tudo que pensamos é invenção arbitrária, e que não existe um Universo, uma realidade qualquer, que ofereça resistência às criações do intellecto e que permita a verificação experimental das teorias. ;Pois não há... como di-

UM PROBLEMA ANTERIANO

rei? não há factos *puros*, digamos, que limitem a liberdade de criação do cientista?

Valério. ;Facto puro, Reinaldo?... Facto puro?... Não, não creio. Na trama do psíquico, o facto a que aludes seria a sensação sem mistura; e a pura sensação não a apreende a consciência; a reflexão não a atinge. Tudo que de distinto na consciência temos é já interpretação por um entendimento activo, — como o serão as teorias, as concepções do cientista. A percepção é *inicialmente* uma criação do intellecto; é, desde o seu princípio, cognoscitiva e teorética.

Factos puros não os há, para o nosso viver consciente. Nem o absoluto de uma Natureza, nem uma experiência pura. Tudo vem da experiência, como diz na sua o empirista: mas a experiência é de início uma criação mental, em opposição ao que elle crê; não é possível existir nem um grão de experiência sem pensamento criador e construtor. A mais leve e fugidia das percepções que tenhas pressupõe sempre a consciência de qualquer mudança (uma relação no tempo) e também a de uma diferença em relação a algo (uma relação no espaço). Só pela relação a percepção é possível, e um termo só existe pela relação com outro, — ou, antes, com o resto de um todo de que se destaca o termo, e que cons-

Casos há em que invertamos a relação
que fizemos: para a "coisa" a "função", para

ANTONIO SERGIO

o "função" a "coisa"...

titue o seu «fundo», — no sentido da palavra com que o pintor a emprega. Ora vê essa gaivota que lá no alto paira, e aquela outra que pousa. A primeira é percebida em relação ao céu, sobre que realça o seu vulto; e a segunda é percebida em relação ao mar, que é o «fundo» em que a vê. Tudo quanto existe está em relação com um «fundo», — com o restante de um todo de que forma parte; e é a acção relacionadora a que fabrica os termos... Por isso não é a faina do entendimento humano a de extrair o abstracto de um concreto dado, como julgam o empirismo e a tradição conceitista, mas a de criar um concreto cada vez mais concreto pelo adensamento do tecido das relações mentais, construindo o objecto por uma conglomeração progressiva, a partir e a propósito das impressões sensíveis... Mas voltando ao teu caso: alguma coisa, a-pesar-de tudo, existe, que limita a liberdade das criações do intellecto: mas isso não faz parte da consciência nossa, como um dado absoluto que se nela insira.

Reinaldo. Sim, creio ter percebido. E no entanto...

Valério. É que... Espera: permite-me um simile. Conheces sem dúvida essas rendas de

O real não é o dado, mas o coincidentemente pensado; o objectivo não é o dado, mas o que coincidentemente coincide. O critério de objectividade é a sustentação real por ideias...

UM PROBLEMA ANTERIANO

bilros, que as mulheres dos pescadores por essas praias fazem...

Reinaldo. Pois de-certo.

Valério. Ora... Como sabes, servem-se as rendeiras, para tecer suas rendas, de alfinetes pregados numa almofada...

Reinaldo. Tenho visto.

Valério. Tanto melhor. ;E que papel... que função, em suma, têm os alfinetes na execução da obra?

Reinaldo. Diga, Valério.

Valério. Em primeiro lugar, não sai dêles o artefacto. Sim: não o dão à rendeira, que é a criadora da renda. Em segundo, sem êles o trabalho nunca poderia ser feito. Em terceiro, não são partes constitutivas da própria renda, pois na renda já pronta tu não vês alfinetes. Ora bem: ;Não poderíamos fantasiar que a inteligência é rendeira? ;E que as invenções que executa, na percepção e na ciência (a percepção já é ciência, teorizadora e hipotética) são como rendas de bilros?

Reinaldo. Nesse caso, o que o Universo nos proporciona, Valério, são... ;são alfinetes?

O movimento de objectividade convergindo para
maximas de completude na aproximação dos
alfinetes e na simultânea multiplicação das teias

ANTONIO SERGIO

Valério. É o que pendo a crer que se poderá concluir, — pelo menos, Reinaldo, numa primeira aproximação dêsse problema grave. E que o trabalho característico do investigador científico é inventar rendas de bilros cada vez mais coerentes, cada vez mais espessas, usando... ¿como direi?... o maior número de alfinetes de que dermos fé. Há porém uma diferença entre a rendeira e o espírito, que prejudica o símile, se não erro muito: e é que não foi a rendeira quem criou o fio.

Reinaldo. Nesse caso, Valério, a teia da aranha convir-nos-ia mais, como símile adequado para as operações do entender; e os pontos de apoio de onde parte a teia substituiriam nesse caso os alfinetes.

Valério. ¡Bem engendrado, sacro nome de Apolo!... Simplesmente, a aranha é um bicharoco muito pouco inventivo para que assemelhemos à dela a operosidade do intellecto. Por êsse lado, pelo menos, preferirei sempre a rendeira.

Reinaldo. Percebo. Como tudo na teia é da experiência da aranha, e como tudo no fio é da fabricação do animal, diremos que tudo no espírito é afinal empírico, sendo tudo *a priori*.

UM PROBLEMA ANTERIANO

Valério. Talvez, Reinaldo. Dizes tu muito bem.

Reinaldo. Satisfeito por ora. Retomemos o rumo da nossa rota.

Valério. A rota da consciência *intelectual* do homem, criadora de objectos. Ora, quando esta consciência está criando um objecto, pensa ao mesmo tempo no seu próprio eu como sendo o contrapolo do mesmo objecto pensado. Ora, ¿que eu será êste, a que se opõe o objecto, e que o objecto limita? É o nosso eu *empírico*. O Eu que pensa, todavia, ao mesmo tempo que o objecto, êste meu eu empírico (e que julga tantas vezes o meu pobre eu empírico, como um juiz que o supera) êsse outro Eu não é pensável — ¿pois não é assim, meu Reinaldo? — como sendo êle o eu empírico. Existe pois um Eu primário, um Eu básico e puro, com a capacidade originária de posturações e de inícios, de determinação do eu empírico. É o Acto — digamos — anterior a tôda distinção entre o eu e o não-eu, que posiciona ao mesmo tempo o sujeito e o objecto. Êste Eu originário é o Eu absoluto, que no universal se situa...

Reinaldo. Absoluto?

É um fante especulativo, a abstracção do objecto
em que eu vivo. Não te acompanho na
aventura, meu

ANTONIO SERGIO

Valério. Porque toda relação, Reinaldo, é determinada por ele.

Reinaldo. Creio que acaba de definir o espírito, Valério, não como substância (no sentido tradicional da palavra «substância»: sei que para o Valério a substância é a lei), mas como Acto, — Acto de que é exemplo esse mesmo acto de síntese, na unidade do objecto, da diversidade desconexa das intuições sensíveis. Tal uno unificante é o verdadeiro ser. O Ser-Acto, por conseguinte, é o Eu espiritual, originário, puro, de que são degradações — ou prefigurações longínquas — as consciências individuais de cada um de nós. O Pensamento, pois, é o Absoluto. Em nós o descobrimos por movimento centrípeto, por meditação reflexiva. Por outras palavras: precede e funda toda existência possível um pensamento que é imanente ao seu próprio objecto, ao nosso mesmo pensar... ¿É o que julga, Valério? ¿Será assim como eu digo?

Valério. Pregunto-me se não prolongas para regiões metafísicas o que foi simples análise de reflexão em mim. Mas estás acaso no direito de fazer como fazes. Nada devo objectar.

Isolda. ¿Acabaste, Reinaldo? Bem. ¿E

UM PROBLEMA ANTERIANO

agora parece-lhe, Valério, que podemos finalmente regressar ao Antero?

Valério. Um reparo ainda... só um reparo, e por pouco. É que estais vendo certamente que êsse tal Eu absoluto, super-individual, primevo, descoberto pela reflexão em cada um de nós, é o princípio da unidade do nosso ser e do Mundo, da nossa pessoa e dos outros; e que só êle pode colocar o nosso eu empírico (o nosso eu individual, limitado, biológico) no mesmo plano que os outros — em relação recíproca com os demais eus empíricos. Para o nosso eu biológico, o nosso eu biológico é o centro do Mundo: para o nosso Eu *espiritual* é que o já não é. Colocar-se um indivíduo em uma atitude moral é prender-se, por assim dizer, ao Eu espiritual que em si topa, desprendendo-se por isso mesmo do seu eu sensível: esforço comparável ao que de nós demanda o pensarmo-nos como antípoda do nosso próprio antípoda, e tão «para baixo» como êle; ou — digamos — como girando com a Terra em seu sideral rodopio. Para o teu eu *sensível*, quando contemplos o ocaso, há de ser sempre o Sol que se está a mover para o horizonte; e há de ser sempre o antípoda que tem para baixo a cabeça. Portanto, o que te exige o cientista é o que o moralista te exige: o mesmíssimo esforço de conversão

para o espírito, para o universal e para o uno. Para o Eu originário, — o intelectual, o puro.

Reinaldo. A conversão na caverna de que fala o Platão.

Valério. Nem menos. E tal identidade de atitudes mentais — no homem de ciência e no ser moral — poderia dizer-se que é o alicerce da *Ética*, do teu judeu de Amsterdão; e justifica aquêlê verso do nosso querido Antero: «Razão, irmã do Amor e da Justiça»...

Isolda. Do nosso Antero? Enfim, ¿chegámos a êle?

Valério. Sim, chegámos a êle. E reatarei a meada. Estava-te eu explicando, quando me cortaste o discurso, que o desapêgo em relação à consciência sensível demanda de nós um apêgo em relação à outra — à intelectual e objectiva. Ao nosso Eu absoluto, primordial e puro. Bem vês tu: por definição, não pode ser certamente a consciência sensível quem conseguirá libertar-se das prisões do sensível. Portanto, a atitude moral do desprendimento activo parece que há de ter como condição teórica uma doutrina que facilite a consciência forte do prendimento do indivíduo ao tal Eu absoluto, — ao princípio da

UM PROBLEMA ANTERIANO

unidade do nosso ser e do Mundo, da nossa pessoa e dos outros. E de aqui um problema: ¿chegaria o Antero, na sua peregrinação filosófica, a uma doutrina que lhe facultasse um sentimento enérgico da comunicação consciente com êsse tal princípio? Chegaria?... Problema primeiro a que dois outros se ligam, a que chamo o segundo e o terceiro. O segundo é o seguinte: ¿será o desprendimento em relação ao sensível um estado psicológico verdadeiramente alcançável por um tão grande enfêrmo como foi o poeta? E finalmente o terceiro: ¿vislumbra-se nos *Sonetos* um desprendimento activo, como o autor afirmou?... Ah, meus amigos: a tudo isto, ao que eu julgo, é-nos lícito respondermos pela negativa. O apêgo da vontade em relação ao sensível é o que enche as consciências dos indivíduos vulgares. A atitude do desapêgo produz nêles um vácuo, se me posso assim exprimir: e fico-me a pensar se êsse mesmo vácuo não levará também a uma situação misérrima, — como a do apêgo ao sensível, se bem que diferente. Creio que sim, e que lhes cumpre o encherem-se com um outro apêgo. O desapêgo é um *menos*, a que deve corresponder algum *mais*; o desapêgo é uma negação, apenas justificável por uma afirmação que a compense. Ora, ao que êle diz nas tais cartas, no indivíduo que de facto conseguiu desprender-se a mola

da actividade mudou de carácter, — passando de pessoal a impessoal; de egoísta, a desinteressada... E no entanto, se é fácil perceber como o desprendimento puro nos despoja da mola pessoal e interessada, não se alcança talvez como nos dará a outra, — a impessoal e magnânima. Quanto a mim, afigura-se-me que a mola da acção impessoal só poderá originar-se de uma aderência do espírito ao princípio impessoal a que me referi há pouco e de uma atitude que se conforme com tal princípio. ;Teve êle dêste princípio uma consciência clara, uma compenetração arraizada? Creio que a resposta a êste primeiro problema a poderemos encontrar na dilucidação do segundo. Passemos, pois, ao segundo problema.

Ora, quanto ao segundo, os contemplativos da Índia... ;Mas que digo? Nada, nada: recorramos ao Cláudio, que sôbre coisas do Oriente... ;Não é certo, Cláudio, que os místicos e os contemplativos da Índia insistem sôbre a necessidade da saúde física para que ganhemos um estado de união genuína com a realidade derradeira e essencial do Universo?

Cláudio. Isso mesmo, Valério.

Valério. E ao que penso, não seria impossível abonar tal ideia com o parecer de algum místico da nossa Europa.

UM PROBLEMA ANTERIANO

Cláudio. Também me parece. E a propósito, lembro-vos a alusão de Espinoza ao assunto, em um certo passo do final da *Ética* e pela altura da quinta ou da sexta página do opusculo *De intellectus emendatione*: «et, quia valetudo non parvum est medio ad hunc finem assequendum concinnanda est integra Medicina», etc., etc.

Valério. Ora belo! Aí tãem vocês: com latínório e tudo! Muito bem, Cláudio amigo. Mas venhamos ao caso... Com efeito, é resultado naturalissimo da enfermidade e das dores o de nos prenderem a mente ao nosso eu sensível,

a mundanos accidentes,
duros, tiranos e urgentes,

impedindo por aí a contemplação moral, e portanto a identificação com o tal Eu absoluto, — identificação, amigo, que poderíamos acaso considerar expressa naqueles cinco versos de *Sobolos rios*:

não cativo, e ferrolhado
na Babilônia infernal,
mas dos vícios desatado
e cá desta a ti levado,
Pátria minha natural,

se entendermos aqui a palavra «Pátria» num sentido *imanente* e não mais do que humano, como referindo-se àquêlê Acto que se manifesta *em nós* e é princípio de integração *neste* nosso Mundo; como designando o foco de todo pensar objectivo, manancial do juízo de verdade e da consciência intellectiva, que ultrapassa a aparência explicando a aparência. Deparamos no *cogito* (ao que presumo) uma intuição imediata do prendimento ao divino, — da presença, em nós, da infinidade de Deus, do Pensamento absoluto: e o problema do desprender-se que preocupava o Antero é o de mantermo-nos pelo maior tempo que nos fôr possível na consciência contínua de tal presença. Ora, poderão as enfermidades, eventualmente, ser prestadias, por levarem ao limiar do desapêgo ao fortuito, que é a face *negativa* de uma attitude ética; prolongando-se, porém, constituem obstáculo: e julgo encontrar-se corroboração desta ideia no conhecimento das vicissitudes da biografia do Antero e na leitura dos últimos dos seus sonetos. Por mim, admito a possibilidade do desprendimento activo, do desapêgo actuan-te, pelo poeta afirmada: ¿mas seria porventura êsse nirvana activo o que quadrava com o budismo de que êle tinha ideia, e que se manifestou nos seus versos? Eruditissimo Cláudio: ¿que pensas tu dêste caso?

UM PROBLEMA ANTERIANO

Cláudio. Não, não creio que fôsse. Afigura-se-me que entreluzimos nos seus sonetos a interpretação romântica das doutrinas búdicas feita pelos autores do romantismo alemão: ora, êsse budismo de interpretação romântica é coisa essencialmente metafísica; e é negrume metafísico o respectivo nirvana.

Valério: ;Mas não haverá outro aspecto da noção do nirvana? ; Um aspecto positivo e essencialmente psicológico, ou moral-psicológico? ;Um nirvana que é a repressão do desejo expansivo, e nada mais? ;Um nirvana destacável de congeminções metafísicas? ;Um nirvana a-romântico, humanista, proveniente do exercício de uma disciplina crítica e màximamente fundado sôbre um pensar reflexivo, — isto é, no que se poderia chamar uma contemplação para o interior? ;Num «tornar sôbre si», para nos exprimirmos à antiga? ;Que te parece, Cláudio? Não será assim como eu digo?

Cláudio. Sim, Valério, creio que sim.

Valério. O que me convinha, ;sabes?, é que êsse livrinho que hoje trazes contigo fôsse aquêlê mesmo volume que trazias ontem: a... *Antologia búdica* (creio eu que era o título)

de que me lêste alguns trechos que me interessaram tanto.

Cláudio. Mas é êsse, Valério! Tens o que queres!

á/ *Valério.* Palavra? Por Palás! Maravilhoso, então! Pois bem: ¿quererás ler um trecho do *Samyutta Nicaya*, que começa assim: «Nesse monge que vela sôbre si mesmo», etc., etc.?

Cláudio. Pois de-certo. Deixa-me vêr se encontro... Não, não é isto... Ah, cá está êle. Diz dest'arte: «Nesse monge que vela sôbre si mesmo e que senhoreia a sua própria consciência; nesse que, sem se deixar desviar, persevera nos seus esforços e no trabalho sôbre si próprio, — eis que se produz uma afecção de prazer; e então conhece êle o que vai seguir-se: «Produziu-se em mim uma afecção de prazer; foi produzida por uma causa, não sem causa. ¿Onde reside tal causa? Neste meu corpo. Êste meu corpo, porém, é impermanente; é nascido, produzido por algumas causas. ¿E como é que uma afecção de prazer, cuja causa está neste meu corpo impermanente, nascido, produzido por algumas causas, poderia acaso ser permanente?» E consagra-se, tanto pelo que concerne ao corpo como por aquilo que respeita à afecção de prazer, à

UM PROBLEMA ANTERIANO

contemplação da impermanência, da fragilidade, do esvaimento, do desprendimento, da cessação, da renúncia. E enquanto se consagra, tanto por aquilo que concerne ao corpo como pelo que respeita à afecção de prazer, à contemplação da impermanência, da fragilidade, do esvaimento, do desprendimento, da cessação, da renúncia, — eis que se liberta de qualquer propensão voltada para o corpo e para a afecção de prazer»...

Valério. Basta. Fiquemos por aí. Obrigado, Cláudio. Ora, lendo-se este passo, percebe-se porque lhe chamei eu uma «contemplação reflexiva». «Contemplação» é o nome com que a designa o texto; e se o adjectivo «reflexiva» se me afigurou caber-lhe, é por haver na actividade que se aí descreve um ajuizar da consciência sobre o seu próprio curso, — ou, antes, um ajuizar da consciência *intelectual* e objectiva sobre a consciência que se restringe ao mero nível biológico. Não, meus amigos? Aliás, também «meditação» lhe conviria bem, consoante a definiu um S. Pedro de Alcântara: «um discurso dirigido pela inteligência à vontade». Ora, o alvo a que mira essa contemplação reflexiva é aquêlê mesmo nirvana puramente psicológico — positivo e crítico — a que me referi ainda há pouco. Não digo de-certo que o nirvana búdico tenha tôdas as

condições para se tornar activo: seria necessário, se não estou em êrro, acrescentar-lhe a noção de um prendimento a algo que me parece que não cabe na doutrina búdica nem no explícito pensamento do nosso poeta: porém, a haver êsse complemento a que me estou referindo, poder-se-ia partir do nirvana búdico para chegar à ideia de um desprendimento activo; ao passo que me parece muito sujeito a dúvida que com o «budismo» de Antero se pudesse dar o mesmo. ¿Que era para êle o nirvana?

Abre-se como um vácuo tenebroso:
 Numa imobilidade indefinida
 Expira ali o ser, inerte, ocioso, —

escreveu êle no soneto que intitulou *Nirvana*; e no *Elogio da morte*:

Que místicos desejos me enlouquecem?
 Do nirvana os abismos aparecem
 A meus olhos, na muda imensidade!

Neste nirvana pávido e metafísico, visionado como abismo e tenebroso vácuo (nirvana alheio à disciplina crítica em que consiste a «contemplação» do texto búdico); neste cáldo misticismo de cariz romântico, constituído por desejos que nos dão loucura

UM PROBLEMA ANTERIANO

— não transluz um princípio de desprendimento *activo*; mais: não transluz a possibilidade de desprendimento algum que passe de veleidade puramente illusória, com actividade ou sem ela. Se recorrerdes ao soneto *Transcendentalismo*, lá vereis êstes versos:

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrário do templo da Ilusão,
Só encontrei, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma matéria bruta;

de onde se conclue que

Não é no vasto mundo, por imenso
Que êle pareça à nossa mocidade,
Que a alma sacia o seu desejo intenso;

e, como consequência, esta atitude:

Na esfera do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vácuo, soledade,
Vôa e paira o espírito impassível.

Portanto, verifica-se que desviando-o dêste «vasto mundo» e desprendendo-o do «pó» e da «matéria bruta», a peregrinação moral do nosso Antero (a do Antero poeta) o não prendeu ao que é espírito: deixou-o perdido

em soledade e vácuo; e que nada nos manifesta um desprendimento *activo*, ou qualquer base possível para um desprendimento activo. Ora (e aqui é que caímos no nosso primeiro problema) há também o seguinte: os actos de contemplação do Antero filósofo não se dirigem para a interioridade da consciência própria, por movimento centrípeto, senão que para as coisas, centrífugamente, — buscando êle nas coisas, e não na consciência, a realidade do impulso para a ascensão moral; e com efeito, tem o título de *Contemplação* este soneto, que se deve comparar com os da *Redenção*:

Sonho de olhos abertos, caminhando
Não entre as formas já e as aparências,
Mas vendo a face imóvel das essências,
Entre ideias e espíritos pairando...

Que é o mundo ante mim? fumo ondeando,
Visões sem ser, fragmentos de existências...
Uma névoa de enganos e impotências...
Sobre vácuo insondável rastejando...

E dentre a névoa e a sombra universais
Só me chega um murmúrio feito de ais...
É a queixa, o profundíssimo suspiro

Das cousas, que procuram cegamente,
Na sua noite, e dolorosamente,
Outra luz, outro fim só pressentido...

UM PROBLEMA ANTERIANO

Da exterioridade das aparências do «mundo ante mim» passa êle à exterioridade das pseudo-ideias («ideias»-coisas, em derradeira instância, ou «ideias»-imagens, como essas que a casmurrice tem atribuído a Platão, confundindo as «Ideias» com os «universais» da Escolástica); do realismo das «névoas» percebidas transita para o realismo dos «inteligíveis»; paira entre «ideias» e entre «espíritos», — como objecto entre objectos, como coisa entre coisas; e se admite a possibilidade de reverberações de «outra luz», — são as coisas, a final, quem as está procurando, e como cegas o fazem... Reparai: são as coisas que a buscam, não a consciência. Da noção da impermanência do «fumo ondeando» transfere-se à noção de um qualquer permanente, de uma qualquer «face imóvel», — face que a final é igualmente uma coisa, não um acto do espírito (representação, e não acto); e vai enfim encontrar a aspiração a «outra luz» em hipotéticos gemidos do Mundo vago e nocturno, não na unidade da consciência própria. É portanto extrovertida esta «contemplação» anteriana, ao passo que introvertida a do texto búdico. É um movimento centrífugo, e de maneira alguma centrípeto. Na série de sonetos do seu último ciclo, o verdadeiro humanismo da «voz interior» aflora-nos apenas num momento rápido, naquela *Voz interior*:

Só no meu coração, que sondo e meço,
 Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
 Em segrêdo protesta, e afirma o Bem,

como também fugidia (isto é, sem função architectónica, nuclear, actuante, sem profundo efeito criador e básico no viver intelectual e moral do poeta) ficou uma passagem que se assemelha a essa, mas muito mais transparente e filosófica (porque em vez de «coração» se nos fala aí de «consciência») e que é já do tempo das *Odes*:

A Ideia, o Sumo Bem, o Verbo, a Essência,
 Só se revela aos homens e às nações
 No céu incorruptível da Consciência...

Não, o seu pensamento não se fundamentou, com constância, no «céu incorruptível» da consciência humana; e não será a despropósito que farei o reparo de que é aí precisamente aquela «voz interior» (a única que sem intermédio nos é dado entender) a que o poeta declara que «desconhece». E já que é êle próprio que nos aponta os sonetos como documentos idóneos para discussão destes casos e como expressão de um nirvana por essência activo, ¿será abuso examiná-los como estou a fazer neste lance, e naquele verbo «desconheço» suspeitar um indício do pendor irresis-

UM PROBLEMA ANTERIANO

tível para a imaginação *trancendente* no espírito de alguém que se encarou tôda a vida como paladino acérrimo do *Imanente*? É que, por um lado, a concepção da imanência para que o hegelianismo o chamava era a da imanência da «Ideia» em relação ao Universo, não a imanência de Deus a nós próprios; não a do princípio da unidade do Mundo em relação aos actos unificadores da consciência, na ciência e no amor; e por outra banda, o temperamento sentimental e as enfermidades do homem impeliavam-no por natureza para êsse movimento centrífugo, passional, transbordante, que conduz às visualidades do transcendentismo. O pessimismo doentio e a filosofia romântica faziam-no ir procurar em um budismo fantástico (onde cuido que um nirvana essencialmente activo não poderia jãmais ter cabimento entendível) o que poderia encontrar em um Espinoza ou num Sócrates, — ou num Kant, ou num Fichte (melhor: em certas faces de um Kant ou de um Fichte). *Noli foras ire: in interiore hominis habitat veritas*. A frase foi escrita por Santo Agostinho, e nem de longe caracteriza as suas próprias doutrinas (se não estou muito em êrro); mas destoaria inculcá-la ao autor dos *Sonetos* como base filosófica de um desprendimento activo?... Sim, com efeito: no interior de nós próprios é que se aposenta a verdade, o Acto-Deus que

é seu foco, — por isso mesmo que a verdade é uma criação de quem pensa, graças à espontaneidade radical inventiva, ao dinamismo gerador que caracteriza o intelecto, e em que Deus está presente; e a atitude do indivíduo que se desprende dos efêmeros pressupõe nêle o prendimento a êsse Deus-acto-imanente, donde o pensar surge em nós, — a êsse foco do juízo e do pensar reflexivo que é aquilo que não passa com o fluir do tempo e a si se concebe e se posiciona sempre com a índole e a categoria da Eternidade. Consegue desatar-se das limitações do sensível quem toma consciência de consistir êle próprio no acto de unificação que é o entender os fenómenos, no acto de unificação que é o amar o próximo. O nosso eu biológico sempre se opõe ao dos outros: o nosso Eu espiritual, pelo contrário, capaz de pensar o universalmente válido e de proceder de acôrdo com o universal que em si topa (de atingir, em suma, a objectividade científica, a universalidade do bem) inclue a nossa mesma individualidade restrita e outrossim as individualidades dos demais seres humanos, ligados num todo, onde as relações são recíprocas... Ah, queridos amigos, circunvaguei, parolei de mais, disse pouco; e agora, meu Cláudio, quisera eu que explicasses o que tu pensas disto à luz de um

UM PROBLEMA ANTERIANO

problema que a todos nós interessa: o da actualidade social.

Cláudio. Essa pergunta, Valério, indica-me o carácter das observações que fizeste. Não são elas uma chicana que tu armaste ao Antero, — que tanto amor te merece, como nos merece a nós todos. Ao nosso amadíssimo poeta,

— ô pauvre frère aux yeux de songe et de science,
toi qui veillais dans l'ombre et ne souriais pas!... —

não, não lhe quiseste armar um cambapé de rábula; as tuas observações são genéricas, e vão muito além do seu caso. Quanto a mim, a êsse problema da possibilidade do desprendimento activo, que tu aqui discutiste, seria erróneo encará-lo como não actual e longínquo; como coisa vã, bizantina. Com efeito, não será dos aspectos da grande questão desta hora (na sua face fundamental, na que diz respeito à pessoa) o anseio para qualquer coisa como essa libertação sem inércia? E, no que concerne ao social, não é outro a procura de instituições económicas que facilitem a consecução de um desapêgo actuante, de um viver desprendido do *struggle-for-life* quotidiano, — dessa preocupação do dinheiro, que inspirou ao povo o seu dito: «de dois amigos de

uma bolsa, um canta, outro chora»? E acrescentando-se a isso, ¿não seria favorável à perfeição da reforma que a emprendessem reformadores com a compreensão do desapêgo, e pelo desapêgo libertados das paixões do amor próprio, que nos conduzem tantas vezes à adoração da violência?... Dizendo melhor: que a intentassem individualidades de radicado idealismo, tão-sòmente fundamentadas no juízo moral do ser íntimo, e com ininterrupta fidelidade ao objectivo humanista da iluminação indefinida, da bondade sem têrmo? ¿estadistas inteirados de que a justiça autêntica é atitude sentimental e disposição do entender — se bem que sim dependente, nas suas realizações objectivas, do sistema de economia a que está submetido o individuo, e impossível no regime da produção-para-ter-lucro? ¿Políticos que percebessem que a revolução do Económico seria coisa de somenos se nos não trouxesse a das almas, e que a justiça estereotipada que nas instituições se nos mostra deve ser simples consequência da libertação da consciência, da paz profunda do espírito, do auto-domínio do sages, da nossa justiça *interior*, da que «está no pensamento como ideia», — enraizada num desprendimento que nos não incline à apatia, num estado de ânimo já liberto das prisões do sensível, mas nem por isso desinteressado da

UM PROBLEMA ANTERIANO

actuação reformista?... Não te parece, Valério? Por mim, estou em supor que será. E que também neste caso o nosso amor ao poeta nos convida a superarmos o superficial e o simplismo, avocando-nos à consideração de algumas das feições mais profundas, mais essenciais, mais humanas, de tantas inquietações de hoje em dia... Ai de mim! Sôbre este assunto, e por ora, é só o que tenho a dizer-vos... E perdoem-me por caridade tanta escuridão e desordem; mas é que...

Valério. Isso; faze-te modesto; não nos faltava mais nada. Mas o que a nós nos compete, neste ponto em que estamos, é preguntarmos à preguntadora que mais quiere de nós dois, ou se já está satisfeita. ;Que dizes tu, minha Isolda?

Isolda. Eu? ;Se já estou satisfeita? ;Pois pudera! Ouvir-vos aos dois é um feitiço. ;Obrigadíssima, mestre Valério! ;Cláudio *mirabilis*, obrigadíssima! E agora, Reinaldo, ;ao banhito, sim?

Valério. Isso mesmo! São horas! Eia, Reinaldo, a postos! É correrem de mãos dadas até o rochedo de além; e depois, — o mergulho. Vamos, dou eu a partida: um, dois, três... Bravo! Êles aí vão, cara ao vento! Ah, Cláu-

dio amigo, como êste grupo é escultório! Oiço no ar, rindo claras, as estrofes da *Jeunesse* do Gabriel Vicaire:

Tu m'apparus, Jeunesse, une rose à la main!

*Ta sveltesse ineffable est celle du bouleau,
Ta voix nous berce ainsi qu'une chanson lointaine;
Comme un lys qui s'effeuille au bord d'une fontaine,
Ton corps délicieux a la fraîcheur de l'eau...*

A frescura das águas, a extensão tôda azull
Vê tu a euritmia, vê tu a graça... ;Pois não é grega esta cena? Olha-os a correr, repara bem, contempla-os... A onda apoja... entram nela... Já o cristal é uma alfombra, já a enxofria os envolve... E a esbeltez com que êles vão! ...Ouve, querido Cláudio: ;sabes tu no que eu penso, quando fico a olhar para êsses jovens? Vejo nêles como que o símbolo de uma fresquidão espiritual, de um dom de cálido entusiasmo, de uma mocidade plástica da inteligência... ah, querido Cláudio, que eu quisera sempre em nós dois, — até à hora do crepúsculo, até à noite cerrada, até à morte!

ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IM-
PRESSO PARA O AUTOR, NA TIPO-
GRAFIA SILVAS, LDA.
RUA DE D. PEDRO V, 120 — LISBOA

ANTÓNIO SÉRGIO — «Um Problema Anteriano» — Portugália — Lisboa. —

Opúsculo em forma dialogada, que tem por subtítulo: «(Sôbre a idéia e a realidade do desprendimento activo na peregrinação moral do autor dos *Sonetos*)», e que é um dos vários problemas particulares da interpretação de Antero, a situar, como o autor faz, na sua tese geral da opposição mórbida entre o Antero apolíneo e o Antero obscuro, ainda recentemente reexposta e explicada na sua edição anotada dos *Sonetos*.

Nesta forma particular, o problema é o de saber se a doutrina de Antero, do «desprendimento activo», de origem budista, é em si própria consistente; e depois se a atitude do poeta corresponde a essa doutrina.

O autor contesta — e a meu ver com plena exactidão — quer a consistência intrínseca da doutrina, quer a adequação da atitude (aliás indispensável, quando se trata de uma doutrina moral). Relativamente à primeira, apresenta uma idéia que não só é teoricamente exacta, mas pode objectivamente documentar-se; e bem o sabia o autor, embora tivesse preferido dar-lhe o aspecto de conjectura, mais próprio da es-

trutura do diálogo e mais grato ao seu pendor intelectual: a de que os *Sonetos* deixam entrever a interpretação errada e romântica do budismo feita por alguns românticos alemães. Quanto à segunda, pôde mostrar com textos anterianos — neste caso reduzidos a três ou quatro exemplos por imposição do espaço e das proporções — que o pensador nunca se libertara da pressão do transcendente, do desvio da metafísica realista e cousificante, o que o tornava incapaz de aquêlê esforço introvertido de libertação, que era afinal a meta do seu desejo.

Assinale-se que o autor é admirador do poeta em tanto que nêlê deve justamente admirar-se, e que o opúsculo, apesar de destinar-se ao grande público, mantém o seu habitual rigor de análise; e de êle pode partir-se para questões gerais anterianas, como a do estudo do pensador, o do poeta, o da relação entre um e outro, e até, como no mesmo opúsculo se deixa entrever, para questões palpitantes do nosso tempo, naquella medida em que directrizes éticas e concepções da realidade têm necessariamente importância na vida colectiva, porque de ella intrinsecamente fazem parte e são portanto inseparáveis. — VIEIRA DE ALMEIDA.

6811943.
Vieira de Almeida